

LEANDRO GOMES DE BARROS

MEIA NOITE NO CABARÉ



Literatura de Cordel



LITERATURA DE CORDEL
LEANDRO GOMES DE BARROS



MEIA NOITE NO CABARÉ

Meia-noite!... repicou
No sino da catedral
Um silêncio sepulcral
Pela cidade passou
O momento já chegou
Dos versos da solidão
A orgia, a corrupção
Sob o véu da noite escura
Espalha a negra tortura
Sob o véu da maldição

Meia-noite!... que tristeza
Reina por toda cidade
Um soluço, uma saudade
Nessa hora de incerteza
Dorme em paz a natureza
O bom, o justo, a criança
Porém não dorme a vingança
O ódio, o crime fatal
O lobo, o corvo, o chacal
De velar nenhum se cansa.

No cabaré da miséria
A vida reina sombria
O jogo, o vinho, a orgia
Os horrores da matéria
Uma noite assim funérea
Eu saí a passear
E me fez admirar
Um caso triste e funesto
Que meu coração modesto
Não cessa de condenar.

No cabaré, agrupados,
Palestravam seis algozes
Cheios de gestos ferozes
Todos seis embriagados
O mocho pelos telhados
Soltavam o canto de dor
Naquela noite de horror,
De tristeza e solidão
Oh! Noite de maldição!
Hora de negro pavor!

Ouvi um ébrio dizer:
A vida não vale nada
É uma triste jornada
Que aqui viemos fazer
Estou farto de sofrer
Com a goela ressecada
Uma cerveja gelada
Ou vinho ou a cana pura
É a única ventura
Desta vida condenada

Repouso em qualquer lugar
Até no leito da rua
Aos raios frios da lua
Sem mesmo me incomodar
Vivo no mundo sem lar
Sem conforto e sem carinho
Como o pássaro sem ninho
A voar pela amplidão
Só descanso o coração
Quando estou bebendo vinho

Meus filhos choram com fome
Minha mãe lamenta a sorte,
Minha mulher pede a morte
O vinho é quem me consome
Não tenho pátria nem nome
Sou infeliz vagabundo
Vivo rolando no mundo
A cumprir meu triste fado
Vivo assim embriagado
Leproso, nojento, imundo.

Eu sou de família nobre
Tenho um irmão bacharel,
O meu tio é coronel,
Porém vivo assim tão pobre...
A tristeza é quem me cobre
Neste tormento sem fim
Todos se afastam de mim
Acalmo as mágoas bebendo
Pois pra quem vive sofrendo
O beber não é ruim.

Nisso falou o ladrão
Naquele antro infernal
Tinha o aspecto do mal
Aquele triste visão
Oh! Que negra confissão
Daquela vil criatura!
O exemplo da tortura
Tinha gravado no rosto
O mais íntimo desgosto
A mais cruel desventura!

Eu nasci entre a grandeza
Meu pai foi milionário
Meu destino temerário
Roubou a minha riqueza
Atirou-me na pobreza
Passei dias sem comer
Não suportando o sofrer
A dor da necessidade
Joguei-me na crueldade
Deste maldito viver.

O roubo é o meu porvir
O meu futuro é roubar
É melhor do que andar
De porta em porta a pedir
O povo não quer ouvir
Minha queixa magoada
De noite ou de madrugada
Facilmente arranjo o pão
Por isso é que sou ladrão
Nesta vida amargurada.

Há tanto ouro e fartura
E tanta necessidade,
Onde está a caridade
Humanidade perjura?
Não vês a grande tortura
Que tem o pobre na vida
Numa luta tão renhida
Pelo pão de cada dia
Na mais profunda agonia
Na mais tormentosa lida!

Entrei numa catedral
Roubei um grande tesouro
Um colar e muito ouro
E julgo que não fiz mal
Pra que santo quer metal
Esse luxo, essa grandeza?
Onde vagueia a pobreza
Onde a miséria consome
Onde o pobre morre à fome
Olhando e vendo a riqueza!

Vi os meus filhos chorando
Por um pedaço de pão
Isto, em meu coração
Era um punhal traspassando
A mulher se lastimando
Inda não tinha almoçado
Então me vi obrigado
Uma noite, na cidade
Por uma necessidade
Fui arrombar um sobrado.

Aquele negociante
Enriqueceu de repente
Enganando a toda gente
Estive lá nesse instante
Um rico anel de brilhante
Veio na minha algibeira
Três contos numa carteira
Tudo isso lhe roubei
Portanto, hoje arranjei
Dinheiro pra minha feira.

Calou-se aí o ladrão
De narrar o seu destino
Começou o assassino
Nessa mesma ocasião:
- Vou contar com precisão
Os crimes que tenho feito
Sei que não tenho conceito
Perante a sociedade
Porém defendo a verdade
Em prol do santo direito.

Eu vivia descansado
Trabalhava noite e dia
Tinha uma filha, Maria,
O meu anjo idolatrado
Chegou lá um desgraçado
A essa jovem seduziu
Nas minhas barbas cuspiu
E desonrou o meu lar
Eu jurei de me vingar
E a vingança se cumpriu.

Ele era um capitão,
Homem de muito dinheiro
Um "Dom Juan" verdadeiro
Sem honra, sem cotação
Feriu o meu coração
Pela tragédia moral
E eu cravei-lhe o punhal
Mandei-o pra sepultura
Começou minha tortura
Desde essa hora fatal.

Um outro rico infeliz
Mandou matar meu irmão
Ficando sem punição
Nos tribunais do país
A sua fortuna quis
Que fosse cumprindo assim
Porém depois dei-lhe fim
Cumpriu-se o negro destino;
Eis porque sou assassino,
Descendente de Caim!

Foi a justiça somente
Que ditou o meu destino
Transformei-me em assassino
Matando barbaramente
Quando um homem consciente
Vir reger o mundo inteiro,
Sendo reto e verdadeiro
A verdade se descerra
E a justiça da terra
Deixará de ser dinheiro.

E calou-se o assassino
Terminando de falar,
Então ouvi começar
O jogador bem ladino
Além tocava no sino
Hora triste de saudade
Reinava pela cidade
A mais ampla solidão
De longe o latir dum cão
Se ouvia com crueldade.

- Saio de casa bem cedo
Pelos cafés vou jogar
E perco, em vez de ganhar
Minha vida é um enredo,
Os companheiros têm medo
Da minha sabedoria
Às vezes, desponta o dia
Ainda fico jogando
Quando não saio ganhando
Sempre finda em arrelia!

Uma vez eu fui jogar
Com minha mãe pra morrer
Para dar-lhe de comer
Eu precisava ganhar
Pedi-me para comprar
Um remédio urgentemente
Retirei-me de repente,
Depois encontrei um jogo
Botei o cobre no fogo
Voltei de noite somente.

Quando fui abrindo a porta
Oh! Que hora amargurada!
Vi minha mãe estirada
Numa cama, estava morta!
Por isso pouco me importa
De não trabalhar no mundo
Quero viver vagabundo
Sofrendo o rigor da sorte
Até um dia que a morte
Dê-me seu golpe profundo.

Eu fui senhor de riqueza
Tive fazenda de gado
Hoje vivo neste estado
Na mais extrema pobreza
No bacará, na francesca,
No jogo da loteria
Perdi o que possuía
Na maldita jogatina
Vivo carpindo esta sina
Pelo pão de cada dia.

Uma noite o taberneiro
Aqui mesmo na cidade
Roubou-me sem piedade
O meu sagrado dinheiro
Além disso, o banqueiro
Negou-me sem compaixão
A esmola dum tostão
Voltei para casa a pé;
Vejam bem que o jogo é
A mais negra perdição!

Outro dia o delegado
Proibiu a jogatina
Porém ali na esquina
Um banqueiro potentado
Vendo seu jogo parado
Procurou com muito jeito
E obteve o direito
Para jogar novamente
Não sei porque se consente
Exploração desse jeito.

Eu sou jogador, mas digo
O jogo é um vício fatal
É o emblema do mal
Abre a porta do perigo
Transforma o rico em mendigo
Torna o homem preguiçoso
E ele o mais perigoso
Dos vícios da humanidade
Degenera a mocidade
Com um gesto duvidoso.

Chegou a vez de falar
A prostituta, coitada,
Pelo mundo desvairada
Sofrendo triste a penar
Acabava de tocar
Duas horas na matriz
Quando essa pobre infeliz
Começou a decorrer
O seu penoso sofrer
Da vida de meretriz.

Quando eu tinha 15 anos
Não conhecia o amor,
Era simples como a flor
Zombava dos desenganos
Mas os homens são tiranos
Um roubou-me a virgindade
Me deixou na crueldade
De viver prostituída
Sem pão, sem lar, sem guarida
A vagar pela cidade.

Sou como a escarradeira
Onde todos vão cuspir
É profundo o meu carpir
Minha sina é agoureira
Eu sou uma aventureira
Da dor e da perdição
Entreguei meu coração
No lado da terra impura
Sou a mais vil criatura
Emblema da corrupção!

Tenho os meus lábios manchados
De mil beijos que levei
No lugar por onde andei
Deixei mil apaixonados
Meus seios desvirginados
Por um desejo brutal
Todo mundo me quer mal
Suporto esse dissabor
Terminarei minha dor
No quarto dum hospital.

Aquele amante querido
Que me tratava tão bem
Hoje passa com desdém
E se faz desconhecido
Eu sou um barco perdido
Vagando contra a procela
Já fui moça, já fui bela
Já tive honra e pudor
Já fui cândida como a flor
E também já fui donzela!

Então disse o trovador:
- Eu sou amante da lua
Passo a noite pela rua
Na porta do meu amor
Não sei que coisa é a dor
Levo esta vida a cantar
Todos gostam de escutar
Minha saudosa canção
Ao som do meu violão
Quem dorme tem de acordar

A vida é uma ilusão
Pra que viver e lutar,
Se tudo vem terminar
No pó funéreo do chão?
Adoro meu violão
O meu leal companheiro
Vivo bem sem ter dinheiro
Levo esta vida a sonhar
Quero viver e gozar
Sou feliz e prazenteiro.

Um ricaço apaixonado
Amava a uma donzela
Formosa, risonha e bela
Porém era desprezado
Vivia louco, coitado,
Num sofrimento sem fim
Eu sendo tão pobre assim
Cantei lá uma canção
Ela deu-me o coração
Apaixonou-se por mim.

É bom viver a cantar
As mágoas tristes da vida
Quando a noite nos convida
Para o silêncio gozar
Ao longe as vagas do mar
Vêm bater sobre o rochedo
A natureza em segredo
Dorme em paz tranqüilamente
A brisa passa dolente
Balançando o arvoredos.

A fera solta no monte
O seu horrível gemido
O corvo vem escondido
Matar a sede na fonte
O homem reclina a fronte
Descansa as lutas do dia
Tudo é paz e harmonia,
Nessas horas divinais
Por cima dos matagais
A lua passa sombria.

O céu é todo estrelado
Na campina nasce a flor
Tudo suspira de amor
Nesse momento sagrado
O poeta enamorado,
O ladrão, o assassino,
O trovador peregrino,
Nos cafés, a prostituta
Cada qual na sua luta
Cumpre o seu triste destino.

A ave prisioneira
Nas grades duma gaiola
Só em cantar se consola
Sempre alegre e prazenteira
Canta a sua vida inteira
Recordando com saudade
O tempo da liberdade
A amplidão da floresta
Quando cantava em festa
O belo cair da tarde.

Nisso, longe ouviu-se um canto
De um galo sobre o poleiro
Era o dia prazenteiro
Que desdobrava seu manto
A madrugada um encanto
O céu lindo, cor de rosa
E a brisa vaporosa
Soprava nos matagais
Os virentes coqueirais
Mostravam a copa frondosa.

No cabaré a orgia
Já havia terminado
Tudo estava transformado
A noite triste fugia
No céu, o sol refulgia
Espalhando a luz divina
Na montanha e na campina
Cheia de imensa beleza
Despertando a natureza
Nessa hora matutina.

Eu fiquei admirado
Pensando o que tinha ouvido
Nesse lugar corrompido
Pra quem é moralizado
Em um canto, embriagado
Ressonava tristemente
O trovador imprudente
Continuava a cantar
A prostituta a chorar
Causava impressão na gente.

O assassino e o ladrão
Há tempo haviam saído
O jogador escondido
Com um baralho na mão
Oh! Terrível profissão
Desse povo viciado
Que não vive acostumado
A trabalhar todo dia
Sempre sofre a hipocrisia
Deste mundo desgraçado!

O trabalho é o salvador
Dos maiores sofrimentos
Acalma nossos tormentos
Suaviza a nossa dor
O homem trabalhador
Sempre vive sossegado
Com o lar abençoado
Não passa necessidade
Nem vive na crueldade
De andar desmoralizado.

Esmague-se a crueldade
Do vício destruidor
O negro abutre da dor
Que faz a mendicidade
Surja entre a humanidade
O trabalho colossal
Esmagando o nosso mal
Distribuindo a grandeza
Carbonizando a vileza
Mãe da miséria fatal.

FIM

Fortaleza, Fevereiro de 2.001

*A LITERATURA DE CORDEL é a
mais autêntica manifestação
cultural do povo nordestino.
Adquira todos os folhetos do
catálogo da TUPYNANQUIM.*

Rei do Pagode

Da morte ninguém escapa,
A morte ninguém despista,
Todo aquele que nascer
Entra para a sua lista.
É triste vê-la levar
De vez em quando um artista.

Quando morre quem amamos
Foi-se embora um passarinho,
Útil, gigante e canoro
Bonito, caro e mansinho,
Deixando enorme vazio
Como deserto caminho.

A triste separação
Proveniente da morte,
Abala profundamente,
Até mesmo quem é forte.
É violenta espadada
Que deixa profundo corte.

Foi chamado à vida eterna
Outro artista brasileiro.
Um cantor da voz de ouro,
Excelente violeiro
Que era José Dias Nunes,
O grande TIÃO CARREIRO.

A saudade é acrobata
Que em meu peito se sacode,
Expulsar este opressor
O meu coração não pode,
Lembrar-me-ei de Tião
Quando escutar um pagode.

Tião gravou com Pardinho
Obras de grande valia,
É um dos Reis do Pagode
Que tanta gente aprecia,
Com seu parceiro é tesouro
Em nossa discografia.

CÍCERO PEDRO DE ASSIS.



EDIÇÃO:



TUPY NANQUIM
EDITORA

Rua Silva Jatahy, Nº15/ 304
Fortaleza - CE - CEP: 60165 070
Fone/fax: (85) 248-4675

CO-EDIÇÃO:



Rua Guaianazes, 521 - Campo Grande
Recife-PE - CEP: 52031-300



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).